

“Vamos fazer o sertão virar mar”

Produzir promessas vãs é uma velha e conhecida vocação da política brasileira. Temos tal know-how no setor que até seria fácil preparar um particularíssimo dicionário do “promessismo” pátrio, no qual, certamente, não faltaria lugar para a palavra “promessias”. O nome serviria para designar esses bravos senhores — que surgem ora montados em cavalos, ora em cima de palanques — com desmedida capacidade para formular compromissos que jamais poderão cumprir.

Reencarnando Antônio Conselheiro, Afif Domingos mostrou (4 de outubro) como os “promessias” sentem-se à vontade na propaganda gratuita da TV. Anunciando barragens para o Nordeste, sapecou: “Vamos fazer o sertão virar mar”. Luiz Inácio Lula foi mais modesto: “Vamos acabar com esse negócio de dólar no paralelo” (21 de setembro). De qualquer maneira, conforme o professor Goffredo da Silva Telles, deixou de levar em conta que “a economia tem, aqui e em qualquer lugar do mundo, impulsos próprios

que não dependem de leis nem da vontade do presidente”.

Promessas, Promessas... — São incontáveis as contribuições da safra eleitoral de 89 ao “promessismo” caboclo. No Brasil de Fernando Collor (9 de outubro), “não haverá ladrões, criminosos, especuladores nem sonegadores”. Um dos jingles de Mário Covas avisa que, com os “tucanos” no poder, “as injustiças sociais não existirão jamais”. Talvez planejando uma reforma constitucional, Antônio Pedreira prometeu (30 de outubro) conferir à Ilha do governador, no Rio, “status de Distrito Federal” e fazer de Salvador a capital brasileira uma vez por mês.

Afif não ficou atrás (2 de outubro): “Vamos fazer um grande esforço para ganhar a Copa de 1990. Vamos trazer para o Brasil a Copa de 1994”. Seria mera coincidência se Afif, de trás para frente, não fosse F. i-f-a. E o Armando Corrêa? Criticava o “promessismo” e veio aí com a maior surpresa da campanha. Será Sílvio Santos mais um baú de promessas?